

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

RODRIGO ERVIS REMIÃO

**FUTEBOL: DO LÚDICO AO USO POLÍTICO EM EVENTOS DE
GRANDE PORTE**

O MUNDIAL DE FUTEBOL DE 1978

PORTO ALEGRE

2012

RODRIGO ERVIS REMIÃO

**FUTEBOL: DO LÚDICO AO USO POLÍTICO EM EVENTOS DE
GRANDE PORTE**

O MUNDIAL DE FUTEBOL DE 1978

Trabalho de Conclusão
submetido ao curso de
Graduação em História, da
Faculdade de História da
UFRGS, como quesito parcial
para obtenção do título de
Licenciado em História.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria
Luiza F. Martini

PORTO ALEGRE

2012

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha esposa, Vanessa, minha musa, que me apoiou e incentivou em muito durante a realização desta pesquisa, principalmente neste último ano, abrindo mão de diversas coisas, sempre compreendendo a relevância deste, mesmo grávida de nosso futuro filho, Miguel.

RESUMO

O presente trabalho tem por interesse encontrar na interdisciplinaridade, buscando bibliografias não apenas historiográficas, mas também de outras disciplinas englobadas nas Ciências Humanas explicações e discussões pertinentes ao futebol, resgatando desde sua origem até a sua apropriação deliberada pelos governos das mais variadas estirpes, como forma de mobilização popular e união nacional. Como caso específico desta apropriação, se busca analisar o caso emblemático da organização da Copa do Mundo de Futebol de 1978 pela ditadura militar argentina, e quais foram os mecanismos utilizados pela mesma para atingir os seus intentos.

Palavras-Chave: Esporte; Futebol; Política; Ditadura; Argentina;

SUMÁRIO

PONTAPÉ INICIAL.....	06
CAPÍTULO 1	
Do lúdico ao profissional.....	09
CAPÍTULO 2	
O futebol e o esporte no contexto do surgimento dos sentimentos nacionalistas contemporâneos.....	13
CAPÍTULO 3	
A ditadura civil – militar na Argentina.....	20
CAPÍTULO 4	
A Copa do Mundo de 1978.....	23
APITO FINAL.....	30
ANEXOS	
Tabela de jogos e estatísticas.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

PONTAPÉ INICIAL

Agora que sou muito feliz por servir ao meu país como soldado, começo a entender o verdadeiro significado da soberania nacional. Significa tudo. É o meu país e meu país é como a minha própria família, e se um dia nossas Forças Armadas tiverem que defender o país, aí estará o soldado Maradona porque antes de tudo sou argentino¹.

A frase acima exposta, proferida pelo jogador argentino Diego Maradona, após a conquista do Campeonato Mundial Sub-20, em 1979, no Japão, nos demonstra com muita precisão alguns aspectos. Em primeiro lugar, o jovem *Dom Diego*, nos dá os primeiros sinais de seu hábito de não cumprir as suas promessas, o que com o passar dos anos foi se tornando prática cada vez mais comum em se tratando de Maradona. Contextualizando-a, a frase do folclórico futebolista, colocada exatamente no momento de ápice do nacionalismo e orgulho patriótico argentino, sentimentos recuperados, ou talvez, forjados após a Copa do Mundo de 1978, organizada pelo governo que impingia ao país uma das ditaduras mais violentas de toda a história da América Latina, prova o sucesso atingido pela referida ditadura após a conquista do título pela seleção local, unindo o país em torno destes sentimentos conciliadores, que culminariam no conflito armado entre Argentina e Inglaterra, pela disputa emblemática das Ilhas Malvinas. Neste pequeno intervalo de apenas quatro anos a Nação Argentina foi do pico à depressão, esta última experimentada após o fracasso na disputa bélica contra os ingleses.

Para Cesar Guazzelli, “vida é jogo! Se assim o é, jogo é História²”. Como um esporte consegue mexer com os sentimentos mais genuínos, atingindo as mais variadas esferas sociais, mobilizando diversas classes, das mais populares às mais elitistas, das ruas aos gabinetes, em torno de sentimentos dos mais variados? No intento de responder estas e outras questões fui buscar nas mais variadas bibliografias, todas ligadas às ditas Ciências Humanas, algumas destas respostas,

¹ Sebrelí, 2005, p. 132;

² GUAZZELLI, 2011, p. 07;

tentando entender todo este processo de transformação pelo qual passaram os esportes, do lúdico ao profissionalismo contemporâneo, passando pelo surgimento e pela “invenção” dos sentimentos nacionalistas, em especial, no caso do futebol, entre os anos finais do século XIX e os iniciais do século XX. Através de exemplos pontuais, como as já referidas Copas do Mundo, além dos Jogos Olímpicos, dois dos maiores espetáculos mundiais, principalmente durante o período compreendido entre as duas grandes guerras, busco compreender como o esporte foi utilizado de forma deliberada pelos mais variados governos, de diversos países, como propaganda tanto interna quanto externa de seus regimes.

Antes do iniciarmos a partida, contudo, fiz um pequeno resgate na minha própria memória, tentando encontrar e identificar, na minha trajetória, qual foi o momento em que o futebol me conquistou definitivamente, me arrebatou como uma paixão, transformando a minha vida para sempre, assim como a vida de bilhões de pessoas em todo o planeta. Minha primeira lembrança relacionada ao futebol é do ano de 1986, quando eu, com cinco ou seis anos de idade, estando com minha família na casa de um já falecido tio materno, na cidade de Caxias do Sul, recordo-me vagamente de assistir pela televisão à Copa do Mundo realizada naquele ano no México. Recordo, ainda que de maneira vaga, de ter ficado impressionado com a mobilização da população da cidade durante o período dos jogos. Bandeiras nas janelas, carros buzinando nas ruas, enfim, toda a movimentação me impressionou, mesmo que, naquele momento, não tivesse nenhuma ideia do que aquilo tudo significava. No ano seguinte, comecei a praticar futebol na escola, mais precisamente no jardim de infância, mas ainda não foi neste momento que fui capturado pelo futebol. Naquele mesmo ano, fui apresentado à mania dos garotos da escola, os álbuns de figurinhas do Campeonato Brasileiro de futebol. A partir deste ponto é que começo a identificar os jogadores profissionais enquanto sujeitos, ainda não ídolos, o que ocorreria somente três anos depois, às vésperas da Copa do Mundo de 1990, esta realizada na Itália. Este foi o momento em que o futebol me conquistou definitivamente, onde passei a acompanhá-lo com maior atenção e dedicação. Antes deste momento, mesmo praticando-o, mesmo com as coleções de figurinhas, mesmo com outra prática que marcou minha infância, o jogo de botões, mesmo sendo colorado desde sempre, o futebol não atraía a minha atenção com a mesma intensidade. Ver o Mundial pela televisão, todo o período anterior à Copa, as

campanhas publicitárias, a mobilização do país, despertaram um sentimento avassalador, que transformaria a partir de então de forma considerável os meus hábitos e relações pessoais. Neste resgate extremamente particular, recordei-me da única vez que meu pai, quase que totalmente avesso ao futebol, um ano antes de sua morte, que ocorreu em 1991, conversou comigo tendo o futebol como tema. Foi justamente no período de realização do Mundial, quando ele, talvez buscando diminuir os eventuais efeitos que uma desclassificação da seleção brasileira do torneio poderia me trazer, decidi alertar-me sobre o fraco futebol da mesma, que segundo sua previsão, não chegaria às finais da competição, o que de fato, se confirmaria mais à frente.

Muitos anos depois, percebo que este trabalho, e que o homem que me tornei, ainda guardam alguns daqueles aspectos apresentados a mim de maneira ainda superficial quando menino, no final da década de 1980. Tentar unir duas das minhas maiores paixões, a História e o futebol, tornou este trabalho de pesquisa um exercício dos mais gratificantes. Tentar responder a inúmeras questões, já com o olhar criterioso e objetivo de historiador, ao mesmo tempo me toma de dois sentimentos opostos. Um primeiro, acima demonstrado, de resgate daquele menino, de certa forma perdido em algum lugar da minha memória, e um segundo, de separação e ruptura com este mesmo menino, onde entra o pesquisador, o que será perceptível durante a leitura dos capítulos deste trabalho.

CAPÍTULO 1

Do lúdico ao profissional

Segundo o sociólogo holandês Johan Huizinga, “o jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições menos rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana.³” Assim como na vida em sociedade, o jogo necessita de regras que lhe ordenem, porém, difere-se da vida em virtude de seus limites, durações e locais, sendo regra principal um determinado limite de tempo ou de objetivos que atingidos, encerram este jogo, com ou sem vencedores ao final da disputa. Um trecho da obra *Homo Ludens*, de Huizinga, resume claramente a posição do autor:

Antes de mais nada, o jogo é uma atividade voluntária. Sujeito a ordens, deixa de ser jogo, podendo no máximo ser uma imitação forçada. (...) o jogo não é vida “corrente”, nem vida “real”. Pelo contrário, trata-se de uma evasão da vida “real” para uma esfera temporária de atividade com orientação própria. (...) O jogo distingue-se da vida “comum” tanto pelo lugar quanto pela duração que ocupa. (...) É “jogado até o fim” dentro de certos limites de tempo e de espaço. (...) Reina dentro do jogo uma ordem específica e absoluta. (...) ele cria a ordem e é a ordem. Introduce na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada, exige uma ordem suprema e absoluta: a menor desobediência a esta “estraga o jogo”, privando-o de seu caráter próprio e de todo e qualquer valor.⁴

Sendo o jogo uma prática das mais primitivas e violentas entre os seres humanos⁵, percebe-se, ao observá-lo enquanto fenômeno contemporâneo, muito claramente a ambivalência das relações entre a atividade esportiva e as atitudes sociais⁶. Conforme Huizinga, toda a cultura vem do jogo, tese esta incrementada por Roger Caillois que afirma que “o jogo é consubstancial à cultura ⁷”. Georges Magnane, porém, nos alerta para o problema “Alienação e Jogo”:

³ Huizinga, 1980, p. 03;

⁴ Ibidem, p. 10 – 13;

⁵ Giulianotti, 2010, p. 15;

⁶ Magnane, 1969, p. 110;

⁷ Ibidem, P.142;

É preciso, portanto admitir que o jogo esportivo que, na sua pureza original, surge como a atividade libertadora por excelência, pode ser falseado, brusca ou gradualmente, por caminhos de que o sujeito só toma consciência imperfeitamente ou mesmo não toma, até apresentar os principais caracteres das condutas alienantes⁸.

Ainda segundo Magnane, “o esporte de competição, desviado da sua orientação lúdica, assume um caráter obsessivo”, levando o ser humano, possivelmente, até um tipo de “distorção mais claramente alienante da atividade esportiva⁹”. Para Huizinga, ocorre no mundo moderno – a obra é de 1938 – uma perversão do “espírito do jogo”, tendo o trabalho assumido aspectos do jogo e também o inverso.¹⁰ O sociólogo Ronaldo Helal, em obra de 1990 discorre também sobre as regras, porém ressaltando o equilíbrio inicial em conflito – literalmente – com o desequilíbrio que ocorre ao final do jogo contemporâneo:

A situação inicial de qualquer competição esportiva é sempre uma situação conjuntiva, simétrica, de total igualdade, com os competidores se encontrando lado a lado, numa classificação horizontal, sem a menor distinção hierárquica. Mais do que isso: os competidores cooperam uns com os outros, aceitando e concordando com as regras e as normas da competição e prometendo lutar pelo mesmo ideal, qual seja, a vitória. Paradoxalmente, esta cooperação inicial dos competidores trás em seu seio o próprio conflito que atravessa toda competição esportiva, já que somente um atleta ou uma equipe, poderá atingir o ideal final. Assim, se antes tínhamos uma classificação conjuntiva, horizontal, simétrica e igualitária, ao término de um campeonato temos uma classificação disjuntiva, vertical, hierárquica e desigual. Como se vê, o conflito surge, aqui, como parte integrante do espírito da competição esportiva e não como um problema que precisa ser eliminado ou resolvido. Os competidores ao concordarem com as regras e os objetivos do jogo estão cientes do conflito inevitável que surgirá a partir de então. Harmoniza-se para conflitar. E conflita-se pelo prazer de conflitar, nada mais. O esporte é uma luta pelo amor à luta¹¹.

Outro estudo de extrema relevância sobre o esporte, desta vez inserido no contexto do chamado Processo Civilizatório, é a obra de Norbert Elias e de Eric Dunning, intitulada de *Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion*. Para ambos, não se pode afirmar com certeza em qual momento do desenvolvimento humano abandonou-se a barbárie e iniciou-se a vida civilizada. O autocontrole seria uma

⁸ Ibidem, p. 158;

⁹ Ibidem, p. 159;

¹⁰ Sobre a vida e a obra de Huizinga, bem como sua influência no estudo específico do futebol, ver Gastaldo, p. 134-148;

¹¹ Helal, 1990, p. 66 – 67;

condição comum a toda humanidade, sem ele as sociedades estariam fadadas à desintegração. As normas sociais que regulam este autocontrole, porém sofreram diversas adaptações durante este processo. Ainda segundo os autores, os esportes, enquanto atividades recreativas existem desde os primeiros sinais de civilização, porém apenas a partir do século XV, nas sociedades europeias, é que se pode perceber, uma “regulamentação cada vez maior de sua conduta e seus sentimentos”. Não se pode, portanto, usar de maneira indiscriminada, como no passado, o termo “esporte” para se referir às atividades recreativas das sociedades de outras épocas. O esporte é sim um fenômeno “relativamente recente e novo¹²”. As tensões inerentes a todas as sociedades são controladas pelas normas, porém os esportes seriam “uma forma organizada de tensão em grupo, mesmo quando esse grupo esteja formado às vezes por somente duas pessoas”. Ainda segundo os autores, “a peça central da figuração formada por um grupo de pessoas que realizam uma atividade esportiva é sempre uma luta simulada, com as tensões controladas que engendra e a catarse – ou liberação da tensão – ao final¹³”. Cesar Guazzelli, baseado na obra de Hilário Franco Júnior, nos apresenta uma comparação entre o esporte e a guerra:

Os esportes de competição (...) também simbolizam campos de batalha disputados por duas forças armadas inimigas. Observe-se que a própria linguagem esportiva é uma reprodução da militar, como os termos defensor, atacante, meta, artilheiro, tiro, etc.

Voltemos ao Homo Ludens de Huizinga, onde o autor também traça um ótimo paralelo entre o jogo e a guerra:

Chamar “jogo” à guerra é um hábito tão antigo como a própria existência dessas duas palavras. (...) O mais provável é que em toda a parte a linguagem tenha definido as coisas dessa maneira, a partir do momento em que surgiram palavras para designar o jogo e o combate. Muitas vezes, as duas ideias parecem inseparavelmente confundidas no espírito primitivo. E não há dúvida que toda luta submetida a regras, devido precisamente a essa limitação, apresenta as características formais do jogo. Podemos considerar a luta como a forma de jogo mais intensa e enérgica, e ao mesmo tempo a mais óbvia e mais primitiva¹⁴.

¹² Elias, 1992, p. 54 – 61;

¹³ Ibidem, p. 195;

¹⁴ Huizinga, Op. Cit. p. 101;

Sabe-se que o esporte, inclusive quando se fala de futebol, anteriormente ao período moderno, em seu período primitivo, se baseava na violência, sendo o contrário do que mais tarde poderia se chamar de civilização. Existem registros da prática de inúmeros esportes semelhantes ao futebol em diversas civilizações. Na China, na Antiguidade e até mesmo na América Pré-Colombiana, registros foram deixados de práticas que lembram, de alguma forma, o futebol regado do século XX. Para Richard Giulianotti, foi quando o jogo passou a ser praticado nas escolas públicas inglesas é que percebe o que o autor chama de “o começo do jogo contemporâneo”. Com a chegada do século XX as regras começam a estabelecer uma organização até então inexistente na prática esportiva, afastando-se muito, este novo futebol, daquele repleto de elementos lúdicos que se praticava até o século XIX. A rivalidade extrapola muitas vezes o território do campo, local da disputa. José Miguel Wisnik ressalta esta mudança significativa das relações e rivalidades:

O jogo de futebol oferece (...) muito menos do que um código lúdico – simbólico, a figura espelhada e mortal desse outro, representado pelo rival. A lógica que comanda essa posição não é a da necessidade de um outro que me afirme ao me negar, mas da necessidade de negar radicalmente o outro cuja simples existência me nega¹⁵.

O ápice deste sentimento de rivalidade “entra em campo” no próximo capítulo quando os sentimentos nacionalistas em ebulição entre o final do século XIX e o início do XX, passando inclusive pelas duas grandes guerras mundiais.

¹⁵ Wisnik, 2008, p. 53;

CAPÍTULO 2

O futebol e o esporte no contexto do surgimento dos sentimentos nacionalistas contemporâneos

Entre as guerras, porém, o esporte internacional tornou-se como George Orwell logo notou, uma expressão de luta nacional, com os esportistas representando seus Estados ou nações, expressões fundamentais de suas comunidades imaginadas. Foi nesse período que o Tour de France acabou dominado por times nacionais, que a Copa Mitropa fez se defrontarem os times líderes dos Estados da Europa central, que a Copa do Mundo foi introduzida no meio futebolístico e, como demonstrou o ano de 1936, que os Jogos Olímpicos se transformaram indubitavelmente em ocasiões competitivas de autoafirmação nacional. O que fez do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas, de todo modo só para homens, foi a facilidade com que até mesmo os menores indivíduos políticos ou públicos podiam se identificar com a nação, simbolizada por jovens que se destacavam no que praticamente todo homem quer, ou uma vez na vida terá querido: ser bom naquilo que faz. A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação¹⁶.

Para Hobsbawm, o espaço entre as esferas privada e pública também foi preenchido, dentre outras coisas, pelos esportes. O autor chama de “espetáculo das massas” esta “sucessão infindável de contendidas, onde se digladiavam pessoas e times simbolizando estados-nações, o que hoje faz parte da vida global¹⁷. Conforme explicitado no trecho exposto no início do capítulo, Hobsbawm define o período posterior à Primeira Guerra Mundial, como sendo aquele onde o que ele chama de “princípio de nacionalidade” do século XIX acabou por triunfar. Abaixo, alguns trechos relevantes de outro estudo de Hobsbawm, desta vez em conjunto com Terence Ranger, chamado a invenção das tradições:

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e

¹⁶ Hobsbawm, 1990, p. 171;

¹⁷ Ibidem, p. 170;

determinado de tempo. (...) Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de maneira ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (...) Pode-se observar uma nítida diferença entre as práticas antigas e as inventadas. As primeiras eram práticas sociais específicas e altamente coercivas, enquanto as últimas tendiam a ser bastante gerais e vagas quanto à natureza dos valores, direitos e obrigações que procuravam inculcar nos membros de um determinado grupo: “patriotismo”, “lealdade”, “dever”, “as regras do jogo”, “o espírito escolar”, e assim por diante. (...) Toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a História como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal. (...) Todos os historiadores, sejam quais forem seus objetivos, estão envolvidos neste processo, uma vez que eles contribuem, conscientemente ou não, para a criação, demolição e reestruturação de imagens do passado que pertencem não só ao mundo da investigação especializada, mas também à esfera pública onde o homem atua como ser político. Eles devem estar atentos a esta dimensão de suas atividades. (...) Elas (as tradições inventadas) são altamente aplicáveis no caso de uma inovação histórica comparativamente recente, a nação, e seus fenômenos associados: o nacionalismo, o estado nacional, os símbolos nacionais, as interpretações históricas, e daí por diante¹⁸.

Para Arlei Damo, “a formação das nações-Estado modernas data da baixa Idade Média, e a invenção dos esportes (...) ocorreu a partir da segunda metade do século XIX”, justamente no período de eclosão do que Hobsbawm chama de fenômeno de “invenção das tradições”. Damo completa afirmando ainda que “está claro que foram os clubes esportivos que se espelharam no aparato logístico e simbólico dos estados, e não o inverso¹⁹”. Ronaldo Helal faz algumas analogias que demonstram claramente esta ligação entre o esporte e a sociedade:

Assim como a língua ou a religião, o esporte nos é herdado pelo nosso meio no início da infância, e sua presença entre nós é tão impositiva que, muitas vezes, aquele que não se liga ao esporte de seu grupo social se sente, de certa forma, como uma pessoa não integrada, que vive à margem da sociedade. (...) O primeiro passo para uma compreensão sociológica do esporte no mundo moderno é encará-lo como um fato social, isto é, como algo socialmente construído, que existe fora das consciências individuais de cada um, mas que se impõe como uma força imperativa capaz de penetrar

¹⁸ Hobsbawm, 1997, p. 09-22;

¹⁹ Damo, 2006, p. 47;

intensamente no cotidiano de nossas vidas, influenciando nossos hábitos e costumes²⁰.

O futebol difundiu-se em escala mundial, justamente no período onde as fronteiras territoriais e identidades culturais, principalmente dos países europeus e latino-americanos ainda estavam em formação. O uso de uniformes específicos e as execuções dos respectivos hinos nacionais, em se tratando de confrontos entre países, empregava ao esporte todo um caráter nacionalista, o que em alguns casos, acentuou ainda mais algumas diferenças pré-existentes entre nações que possuíam discrepâncias significativas. Carla Brandalise, em ensaio sobre o nacionalismo esportivo no período entre guerras também ilustra bem esta situação no trecho a seguir:

Com essa exarcebação do nacionalismo transbordando para o campo esportivo, os estádios constituíram-se em terreno de revanche, de demonstração de grandeza nacional, de instrumento de exclusão dos países vencedores contra as assim consideradas sociedades bárbaras derrotadas na guerra ou abismadas em um regime socialista hostilizado. Em arma de boicote, a Alemanha não foi aceita nas Olimpíadas de Paris de 1924. O lado vencedor da Grande Guerra recusou-se a reencontrar os países vencidos sob “terreno neutro” do esporte. O esporte tornou-se para os vencedores uma vitrine da vitalidade e da grandeza reencontrada pela vitória “de direito e justiça”. Ao longo do século XX, esses usos políticos dos jogos olímpicos não deixaram de ser uma constante a moldar a natureza das relações internacionais²¹.

Da origem britânica – no que diz respeito às regras – ao surgimento da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), em 1904, o “esporte bretão” cada vez mais atravessava fronteiras, não apenas as geográficas, mas também as sociais, sendo o futebol nas primeiras décadas do século XX praticado em grande parte dos países. Difundido na Grã Bretanha inicialmente como um esporte genuinamente elitista, de caráter extremamente civilizatório, segundo Luiz Henrique Toledo, “a distinção social foi paulatinamente transfigurada em símbolo de um processo de identificação de nacionalidade experimentado pelos mais variados grupos sociais²²”. O código do futebol, composto por 17 regras – que pouco mudaram até hoje – transformava cada vez mais o antigo “jogo de bola” em algo novo. Logicamente, o futebol lúdico e destinado à diversão, o amador, ainda existe

²⁰ Helal, Op. Cit., p. 12-14;

²¹ Ibidem, p. 127;

²² Toledo, 2000, p. 09;

pelos mais variados campos mundo afora, mas com a entrada em cena da FIFA, o profissionalismo foi um caminho sem volta para a maioria dos países e seus clubes locais.

Arlei Damo define que:

Em linhas gerais, o futebol, bem como os outros jogos antigos inicialmente proibidos pelas classes altas – nobreza, clero e moralistas – foram reinventados e devolvidos à sociedade como esportes modernos²³. A normatização e a restrição à violência física nos esportes ocorreram, como se viu, paralelamente à emergência das nações-Estado, das grandes cidades e da sociedade de classes²⁴.

Sobre o esporte em equipe e a união em torno de algo maior do que o individual, Georges Magnane coloca o seguinte, de certa forma retomando um pouco o assunto do primeiro capítulo:

O esporte de equipe foi, pelo contrário, livremente escolhido pelo jogador. De um lado, permite-lhe lutar contra o adversário por todos os meios que a vida em sociedade lhe proíbe: a violência e, ocasionalmente, a brutalidade; a estratégia e, dado o caso, o ardil; a intimidação e, nos extremos, métodos humilhantes. E, de outro lado o jogador de equipe sente-se justificado pelo pensamento de que trava um combate não egoísta, o bom combate: é pelos seus, pelo seu clube e pelas suas cores que ele leva a agressividade até aos últimos limites fixados pelas regras do jogo. Se estes limites forem transpostos, já não se trata de um jogador, mas de um rebelde que é preciso punir, por vezes excluir. (...) A necessidade de autoafirmação por via competitiva continua sendo a dominante da cultura ocidental. (...) O esporte, concebido como um jogo visando essencialmente à competição oferece um meio lícito de reagir à fascinação da violência²⁵.

Coforme Arlei Damo, “o futebol funciona através de um sistema de lealdades. Torcer significa pertencer, e pertencer a um clube significa ser leal a ele²⁶”. Isso é visível em praticamente todas as esferas pessoais envolvidas neste fenômeno. Desde o atleta ao torcedor, este sentimento de pertencer a algo maior, superior, foi muito prático para que o futebol e os esportes em geral fossem utilizados por

²³ Sobre a popularização do futebol, recomendo e destaco o excelente ensaio de Hilário Franco Júnior, A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade, livro citado na bibliografia;

²⁴ Damo, 2002, p. 32;

²⁵ Magnane Op. Cit., p. 22-31;

²⁶ Damo, 2002, p. 09;

diversos governos como forma de união nacional, servindo em diversos casos inclusive, como legitimação de seus ideais e posturas.

Em 1927, em conflito com o COI²⁷ (Comitê Olímpico Internacional), que possuía concepção estritamente amadora dos esportes, um grupo pequeno de países europeus, todos filiados à FIFA, decidiu organizar o primeiro Campeonato Mundial, tendo o Uruguai sido escolhido como primeira sede, mas as dificuldades de locomoção – longas viagens de navio – inviabilizaram a participação da maioria dos países europeus. Na final do torneio, Uruguai e Argentina enfrentaram-se no Estádio Nacional, construído especialmente para o torneio, com um público estimado de 90 mil espectadores, 20 mil destes, argentinos.²⁸ Se a década de 20 foi dominada pelos uruguaios – campeões olímpicos em 1924, 1928 e campeões mundiais em 1930 – a década de 30 seria futebolisticamente do Itália de Benito Mussolini.

Corroborando com a tese de uso político de eventos esportivos, Lincoln Allison e Terry Monnington escreveram na revista de Relações Internacionais *Government and Opposition* em 2002:

Nós podemos notar que estados utilizam o esporte de duas maneiras: para venderem-se e realçar suas imagens e para penalizar comportamentos internacionais que eles desaprovam²⁹.

A Copa do Mundo de 1934, realizada na Itália, foi a primeira vez que um evento esportivo de escala mundial teve seu uso deliberado pelas lideranças políticas locais do evento como meio de propaganda, destinada a atingir a opinião pública local e internacional. Em diversas oportunidades, governos nacionais das mais variadas estirpes, utilizaram - se destes eventos de grande porte, que invariavelmente atraíam grande interesse do resto do mundo, como forma de legitimação. Após o Mundial de 1934, percebem-se diversos torneios que se converteram em “causa nacional”. Os eventos esportivos são, dentre os eventos de

²⁷ Os Jogos Olímpicos até então eram o mais próximo que se tinha de um campeonato mundial de seleções, e eram considerados como tal, porém a baixa participação de países – cinco em 1908 e dez em 1912, por exemplo – acabou tirando um tanto do brilho das conquistas. A seleção Uruguia, até hoje conhecida como “Celeste Olímpica”, devido ao bicampeonato olímpico em 1924 e 1928, foi das poucas que valorizou o futebol nas Olimpíadas nos primeiros anos do século XX. Em 1930 o Uruguai seria o país sede e também ganharia o título do primeiro Mundial de futebol organizado sob a tutela da FIFA.

²⁸ Sobre a organização do Mundial de 1930, bem como dados estatísticos, ver FRANCO JÚNIOR (2007);

²⁹ Amazarray, 2011, p. 11

grande porte, talvez aqueles onde esta prática seja realizada de maneira menos velada.

Em 1934, vencer foi uma obsessão para o “*Duce*” Benito Mussolini, que nomeou um de seus interlocutores como seu representante junto à FIFA, no intuito de alterar o país sede dos jogos – anteriormente programados para serem disputados na Suécia. A disposição do líder italiano era de mostrar ao mundo o ideal fascista do esporte, obviamente capitalizando os créditos a seu favor.

O governo fascista construiu estádios monumentais, muitos deles somente seriam reformados para o mundial de 1990: o Estádio do Partido Nacional Fascista, em Roma, o Estádio Mussolini em Turim, o Estádio Littoralle em Bolonha, o Estádio Giovanni Berta em Florença e o Estádio Lottorio em Trieste. A seleção italiana, a *Squadra Azzurra* fez uma ótima campanha, chegando até a final, contra o selecionado da Tchecoslováquia. Para desespero do *Duce*, da torcida italiana, e principalmente dos jogadores, a partida foi extremamente difícil, sendo decidida a favor da Itália somente na prorrogação. Nas arquibancadas e nas ruas, a população, em grande parte vestida com camisas pretas com os dizeres “*Copa do Duce*”, comemorava o triunfo com cantos e hinos que valorizavam o fascismo e seu líder³⁰.

Hilário Franco Júnior sobre o mundial de 1934 escreveu o seguinte:

A copa de 1934 foi especialmente preparada para alimentar o orgulho nacional. O projeto para tanto foi cuidadosamente preparado. A Federação Italiana de Futebol foi colocada nas mãos de um general. Além da reforma de vários estádios, dois novos foram construídos: o de Florença (com capacidade para 45 mil pessoas), batizado com o nome de um “mártir da revolução fascista”, Giovanni Berta; e o de Turim (70 mil lugares), homenageando diretamente o Duce e chamado Stadio Mussolini. Houve arbitragens mais que duvidosas a favor dos donos da casa. Houve violência italiana em campo. Houve, dirigida a Mussolini, saudação fascista do trio de arbitragem da decisão contra a Tchecoslováquia. Jules Rimet afirmou que “durante esta Copa do Mundo tive a impressão de que o verdadeiro presidente da FIFA era Mussolini”. Desde as primeiras copas, reconhece o livro comemorativo dos cem anos da FIFA, “conforme o regime do país organizador, a competição se desenvolverá em atmosfera sobretudo esportiva ou sobretudo política³¹”.

³⁰ Lanata, 2003, p. 421;

³¹ Franco Junior, 2007, p. 50 – 51;

Os Jogos Olímpicos de 1936, disputados na cidade de Berlim, na Alemanha, que vivia o auge do movimento nazista, personificado em seu líder Adolf Hitler, também foi outro exemplo claro de uso político do evento em benefício dos governantes locais. Era de grande interesse do líder alemão que a Olimpíada expusesse ao mundo seus ideais, principalmente aqueles que demonstrassem a superioridade da raça ariana na comparação com os outros povos das mais variadas origens. A Alemanha apresentou ao mundo o evento esportivo mais organizado até então, com instalações de encher os olhos, mas os resultados esportivos, como não são totalmente passíveis de planejamento, não foram totalmente favoráveis aos anfitriões. No futebol, a Itália conquistou a medalha de ouro. Na Copa do Mundo de 1938, realizada na França, novamente os italianos, a Squadra Azzurra, triunfaram, para alegria do *Duce*.

Podemos citar outros tantos exemplos do uso deliberado destes eventos esportivos como forma de propaganda de um país. Durante a Guerra Fria, por exemplo, foram realizados os jogos olímpicos de 1980 e 1984, sediados respectivamente em Moscou e Los Angeles. Ambos foram amplamente utilizados por seus países sedes como propaganda dos ideais do comunismo soviético, e da democracia estadunidense. Se em 1980 os americanos recusaram-se a participar do torneio, em 1984 foi a vez dos soviéticos. No auge da Guerra Fria, os americanos e os soviéticos duelavam politicamente até nos meios esportivos.

Outro exemplo onde este uso político de um torneio se deu de forma muito enfática, foi a Copa do Mundo de 1978, realizada na Argentina. O país vivia uma sangrenta ditadura militar, talvez a mais repressiva da América Latina, uma ferida não cicatrizada até hoje. E é sobre este tema, a ditadura civil-militar argentina, que nos debruçaremos no seguinte capítulo.

CAPÍTULO 3

A ditadura civil – militar na Argentina

Desde a queda de Perón, em 1955, com o golpe militar de 1955, chamado Revolução Libertadora, a Argentina viveu um grande período de turbulência política. Este golpe de 1955 foi apoiado por diversos setores da sociedade argentina, destacando-se as oligarquias tradicionais, o empresariado industrial, a classe média urbana, além de grupos relacionados ao imperialismo britânico e norte-americano. Durante este período de governo militar foi estruturado um estado autoritário, que suprimiu a existência dos partidos políticos, a representação parlamentar, além de quaisquer atividades que colocassem em risco o status do regime. Esta situação duraria até 1973, quando do retorno de Perón ao poder, após exílio.³² Sua morte, no ano seguinte, mesmo com sua esposa Isabelita assumindo o governo, enfraqueceu ainda mais um governo de insucesso, culminando com o retorno ao militarismo definitivo, com o golpe de 24 de março de 1976³³. Liderados pelo general Videla, pelo almirante Massera e pelo brigadeiro Agosti, começava o período em que as lideranças das Forças Armadas é que determinariam os rumos da nação³⁴. Jorge Christian Fernández resumiu em três, as “justificativas” dos militares para o golpe:

Em primeiro lugar, promover a “ordem e a segurança social”, o que significava aniquilar a guerrilha esquerdista e desmobilizar os grupos de extermínio da direita. O segundo objetivo declarado era remover um governo impopular e corrupto, embora legalmente eleito, e finalmente poder reorganizar a economia (...) o paradoxo do golpe residia no fato de que, apesar da inconstitucionalidade, a junta afirmava que seus procedimentos respeitavam os parâmetros legais³⁵.

Assim como ocorreu no Brasil, no primeiro momento, parte relevante da população civil foi favorável à ação dos militares, segundo Fernández, “em virtude de estar cansada da violência política, da insegurança geral e da instabilidade econômica”. Logo, iniciou-se um período de extrema repressão política, o que Fernández chama de “o terror militar”. Este período foi marcado por um aparato repressivo extremamente organizado, que perseguia os dissidentes, catalogando-os

³² Sobre este período, ver Guazzelli, 2004;

³³ Fernández, 2006, p. 32 - 37;

³⁴ Ibidem, p. 37;

³⁵ Ibidem, p.37-38;

em escalas de periculosidade, que acabavam por determinar inclusive os seus destinos, conforme Fernández:

Uma vez em poder do aparelho repressivo e após um exame minucioso por parte do comandante, a vítima podia seguir três caminhos: se considerado de “baixa periculosidade” ou se “inocente” (no caso de engano), podia ser liberado. Se considerado com possibilidades de “recuperação”, o indivíduo podia ser colocado à disposição da Justiça e legalizado (...) se fosse considerada um elemento “perigoso” para a Segurança Nacional, a vítima era encaminhada para o *translado*. Nada mais era do que um eufemismo para a execução sumária e posterior ocultação do cadáver (no início os corpos apareciam nas ruas como “mortos em enfrentamentos” com as autoridades). Aos poucos, com o aumento do número de vítimas passaram a enterrá-los em cemitérios clandestinos, ou então a jogá-los (muitas vezes ainda vivos) de aviões no Rio da Prata. Surge a figura do desaparecido. A ocultação dos corpos seguia um preceito jurídico: sem corpo não há crime, portanto, era a base para a negação das execuções por parte do governo, não podendo haver imputação legal por conta do desaparecimento. O caráter secreto das operações obviamente procurava esconder o que estava ocorrendo tanto para a sociedade civil quanto para o exterior, evitando a imagem negativa do país, como havia ocorrido no Chile de Pinochet. (...) É pertinente destacar que estes aspectos da repressão violenta e brutal não foram obras de alguns sádicos descontrolados que cometeram excessos isolados: a barbárie foi planejada. A repressão era pautada por uma sistemática, sendo organizada e burocrática, além de estrategicamente planejada pela cúpula militar de posse do Estado e taticamente coordenada pelas Forças Armadas³⁶.

Cesar Guazzelli, sobre o período nos diz o seguinte:

O fracasso econômico do governo anterior e a guerra desencadeada contra o “terrorismo” aparentemente legitimavam o regime de força. Em função deste combate, o Processo reprimiu sindicatos e agremiações, perseguiu militantes políticos de diversas matizes, intelectuais, estudantes, desencadeando uma onda de terror poucas vezes vista³⁷.

Criou-se, portanto, segundo Enrique Padrós, uma “estrutura estatal clandestina, paralela à estrutura legal e visível do estado³⁸”, de forma que essa perseguição fosse colocada em prática da maneira mais afinada e invisível que se fosse possível. Também articulando sobre o “terror de estado” (TDE), Padrós resume-o da seguinte forma:

³⁶ Ibidem, p. 39-40;

³⁷ Guazzelli, Op.Cit., 2004;

³⁸ Padrós, 2006, p. 15;

Foi justificado nas décadas de 60 a 80 pela necessidade de enfrentar a agressão “subversiva” que “ameaçava” a sociedade e que se alimentava das contradições sociais geradas pela pressão exercida pelo capital internacional e pelas elites locais para a imposição de um novo modelo de acumulação, e pela radicalização das tensões sociais, principalmente a partir da Revolução Cubana. (...) Tão complexo e global foi o campo de atuação do TDE que nenhum setor da sociedade ficou incólume. O TDE aplicado (...) na forma da guerra contra-insurgente, foi um terrorismo de grande escala, dirigido desde o centro do poder estatal, dentro ou fora das suas fronteiras nacionais. Assim, constituiu-se em um modelo estatal contemporâneo que transgrediu os limites ideológicos e políticos da repressão “legal” (aceita pelo marco jurídico tradicional) e que recorreu a métodos não convencionais para eliminar a oposição política e o protesto social, armado ou não³⁹.

A repressão foi tamanha, que diversas práticas inclusive atravessaram fronteiras, capturando ou eliminando os dissidentes em outros países da América Latina ou nas águas do Oceano Atlântico.

Quando ocorreu o golpe militar, a Argentina já havia sido designada sede da Copa do Mundo de 1978 pela FIFA, oportunidade não desperdiçada pelo governo ditatorial, que desde o primeiro dia – literalmente - do golpe ela nunca deixou de visualizar no futebol uma enorme importância política, conforme Juan José Sebreli expõe:

No dia do golpe, 24 de março de 1976, as rádios e os canais de televisão sofreram intervenção, se suspenderam seus programas habituais e transmitiram em cadeia marchas militares e proclamações da Junta. O único programa que permitiu transmitir foi a partida entre as seleções da Polônia e Argentina que se jogava na cidade polonesa de *Chorzow*. Tudo estava proibido, menos o futebol⁴⁰.

Mesmo antes do Mundial, ainda com o terror em alta, alguns grupos começaram a investigar e denunciar a violação e desrespeito aos direitos humanos que ocorria no país. O governo respondia de maneira negacionista, acusando governos e a imprensa estrangeira de quererem “ofuscar a vitrine da ditadura, a Copa do Mundo de 1978⁴¹”. E é sobre a organização do torneio que trataremos no capítulo posterior.

³⁹ Ibidem, p.15;

⁴⁰ Sebreli, Op. Cit., p. 187;

⁴¹ Fernández, Op. Cit., p. 41;

CAPÍTULO 4

A Copa do Mundo de 1978

Em pleno vigor, a ditadura militar brasileira rivalizava em violência com a da Argentina. Aqui, como lá, o estado de direito fora desprezado. Ernesto Geisel e Jorge Videla mantinham as duas nações pisando no sangue das vítimas de uma Guerra Civil oficiosa. Os porões das prisões continuavam entupidos de resistentes, insurgentes contra o status que vigorava nos dois países limítrofes. (...) Frisa-se que Buenos Aires fora maquiada (...) para revelar ao mundo, através da nova TV à cores (até ali, em território argentino, ela operava em preto e branco) uma imagem falsa, com uma roupagem mentirosa de tranquilidade⁴²

A Argentina foi designada como país sede do Mundial, durante o governo do general Lanusse⁴³. Em 1973, sob governo peronista, iniciou-se a organização efetiva, com a criação da primeira Comissão Organizadora.⁴⁴ Em 1974 definiram-se as quatro sub sedes – além de Buenos Aires - do torneio: Mar del Plata, Córdoba, Rosário e Mendoza. As Eliminatórias foram sorteadas em 19/11/1975 na Guatemala⁴⁵. A FIFA foi surpreendida pelo golpe militar ocorrido no país. O presidente do órgão, o brasileiro João Havelange foi interpelado por diversos organismos e instituições internacionais, como a Anistia Internacional e os jornais franceses *Le Monde* e *Figaro*, por exemplo. Com base em dados levantados e expostos pela Anistia Internacional, foi criado o C.O.B.A. (Comitê pelo Boicote da Organização da Copa do Mundo de Futebol), e este órgão reproduziu e enviou à imprensa internacional diversos dados e informações, além de notícias que mesmo dentro da Argentina não eram divulgadas⁴⁶. Alguns meses antes da disputa o comitê divulgou o seguinte documento:

⁴² Heizer, 1997, p. 229;

⁴³ LANATA, Op. Cit., p. 421;

⁴⁴ LANATA, Op. Cit., p. 421;

⁴⁵ Voser, 2010, p. 66;

⁴⁶ Agostino, 2002, 175;

A Copa do Mundo de Futebol, prevista para junho de 1978, será disputada em meio aos campos de concentração da Argentina? A equipe da França, qualificada no dia 16 de novembro último, jogará a 800 metros do mais terrível centro de torturas do país? Esta é, de fato, a distância que separa o estádio do River Plate, onde devem se realizar as principais partidas da Copa do Mundo, da *Escuela de Mecanica de la Armada*, sede do sinistro *Grupo de Tareas 33*, verdadeira *Gestapo* argentina, composto por 314 oficiais e soldados da marinha. Há dois anos este grupamento vem servindo às torturas perpetradas contra prisioneiros políticos. É também da *Escuela de Mecanica* de onde decolam os helicópteros que vão lançar os corpos mutilados das vítimas nas águas do Rio da Prata ou do Atlântico⁴⁷.

Mesmo com a mobilização desta e de outras entidades, nenhum país abdicou da disputa. O C.O.B.A, porém, seguiu mobilizado durante o torneio, distribuindo informações à imprensa internacional sempre que possível. Jorge Lanata também escreve sobre os estádios, os locais de tortura e a proximidade entre estes. Uma “ironia com a realidade”, segundo ele, que ironiza as manchetes ufanistas, citando a proximidade dos campos de futebol com os locais de tortura:

Atrás de cada estádio se ocultava um campo de concentração: River próximo à ESMA, Vélez vizinho do El Olimpo, o Liceu Militar atrás do estádio de Mendoza, La Perla a poucos metros do Chateaus Carrera, o estádio de Mar del Plata próximo à Unidade Regional, e o Segundo Corpo de Exército vizinho ao estádio mundialista de Rosário.⁴⁸

Antes disso, em 1976, foi criado o órgão denominado *Ente Autárquico Mundial '78* (EAM'78), que seria responsável pelos gastos com o certame. Previu-se “um Mundial austero”, mas não foi o que se viu posteriormente, quando os gastos superaram em muito até mesmo as previsões menos otimistas⁴⁹. O general Omar Actis foi nomeado responsável pelo EAM'78, mas foi assassinado ainda em 1976, assassinato este atribuído pelo governo, aos guerrilheiros montoneros, que negaram o atentado. Sebreli afirma existirem indícios de que o crime tenha sido praticado por militares⁵⁰. O certo é que o novo responsável, o general Carlos Alberto Lacoste autorizou um grande aumento dos gastos, deixando para trás a ideia de austeridade de seu antecessor. Estádios foram construídos, outros reformados, enfim, não poupou-se esforços nem recursos na organização do evento. Posteriormente

⁴⁷ Ibidem, p. 175;

⁴⁸ Ibidem, p. 423;

⁴⁹ Conforme Lanata, a previsão orçamentária inicial era de 250 milhões de dólares, e, apesar de nunca terem sido revelados, os gastos oficiais são estimados em 700 milhões de dólares. Alguns militares, posteriormente foram investigados por suspeitas de enriquecimento ilícito;

⁵⁰ Sebreli, Op. Cit., p. 188;

diversas irregularidades foram constatadas, principalmente relativas ao desvio de recursos. Foi criado o *slogan* “Vinte e cinco milhões de argentinos”, muito semelhante ao que a ditadura brasileira havia criado para a Copa de 1970⁵¹. Sebreli afirma que “a sociedade argentina em todos seus setores sociais e suas cores políticas, quase sem exceção, deu de forma unânime seu aval à ditadura celebrando o Mundial, como logo faria com a guerra das Malvinas⁵²”. Chegava então a hora do Mundial. Centenas de jornalistas do mundo inteiro desembarcaram na Argentina, segundo Lanata como “armas de duplo fio”:

Centenas de jornalistas estrangeiros chegaram ao país, transformando-se em uma arma de duplo fio: os mais ingênuos podiam ser operados pela inteligência militar, porém, os desconfiados podiam – como acabaram fazendo – colocar-se em contato com os órgãos de direitos humanos e difundir dados da Argentina verdadeira⁵³.

Rogério Voser, sobre a chegada dos estrangeiros ao Mundial apresenta algumas diferenças consideráveis na comparação com os torneios anteriores:

Se as equipes viajaram de navio nos primeiros anos dos mundiais, depois de avião a pistão e por último, a jato, o Mundial de 1978 marcou a primeira presença do supersônico (Concorde) no transporte de uma delegação (França)⁵⁴.

Para tranquilizar a comunidade internacional e a FIFA, o presidente Videla garantia ter um acordo firmado com os Montoneros, acordo este confirmado pelos mesmos, mas não cumprido por ambos. Internamente, porém o país já estava inebriado com a aura da competição, conforme Juan José Sebreli:

Essa estranha forma de delírio coletivo, que Reich chamava “peste emocional”, em que parece que uma sociedade inteira enlouquece, ataca os argentinos em determinadas circunstâncias históricas; se deu no Mundial como antes havia dado nos atos peronistas entre 1945 e 1952, no retorno de Perón em 1973, e voltaria a dar-se na guerra das Malvinas. Nestes delírios de unanimidade, o indivíduo perde sua autonomia, anula todo o sentido crítico, se dissolve na massa unida pela paixão e qualquer dissidência ou tão sequer indiferença é estigmatizada. As multidões nas ruas praticam o ritual (...) de pular freneticamente como um fantoche descontrolados,

⁵¹ Agostino, Op. Cit., p. 177;

⁵² Sebreli, Op. Cit., 195;

⁵³ Lanata, Op. Cit., p. 422;

⁵⁴ Voser, Op. Cit., p. 66;

fazendo sentir a todos aqueles que não o fizeram como um pária social⁵⁵.

A imprensa argentina, conforme Jorge Lanata, foi amplamente manipulada pelos órgãos de propaganda governamentais, agindo de forma totalmente “pró-militar”:

As revistas da Editorial Atlântida lideraram a campanha pró-militar. *Para Ti* presenteou suas leitoras com uma série de postais que deviam enviar a políticos e organizações europeias que protestavam pelas violações dos direitos humanos. “Defenda sua Argentina – diziam as páginas da *Para Ti* – mostre a verdade ao mundo, enviando junto à sua família os postais da revista *Para Ti*.” “Abaixo do título ‘Argentina: toda a verdade’, *Para Ti* publicará semanalmente quatro cartões postais com imagens e textos da realidade atual do país”. Recorte-as. E escolha a quem enviá-las. Esta é sua oportunidade de mostrar ao mundo toda a verdade de um país que cresce e vive em paz⁵⁶.

O jornal *El Gráfico* recebia os estrangeiros da seguinte maneira:

Bem vindos. Que haja um só perdedor: a violência. Que haja um só vencedor: a paz. Que a verdadeira realidade argentina, tão mau intencionadamente distorcida em alguns países, seja conhecida e compreendida.⁵⁷

Ao final do torneio, como todos sabem, ocorreu a vitória da Argentina e toda aquela mobilização nacional, o que Sebrelli chama de “delírios de unanimidade”, atingiu seu ápice, como se pode ver, por exemplo, na edição especial pós-título do periódico *El Gráfico*:

Como *El Gráfico* estampara em sua edição especial, era de fato a hora mais gloriosa do futebol argentino. As festas continuariam nos dias seguintes, engalanadas oficialmente com frases de efeito em torno do reencontro com as tradições do bom jogo e com o progresso da Nação, resgatando o sentido da verdadeira Argentina⁵⁸.

Já o *Clarín* de 26 de junho de 1978 estampava em suas páginas:

Esse triunfalismo é uma novidade em um país que, como a Argentina, esteve imerso por bastante tempo na frustração, na derrota, ou extrema dor. Não é somente um mecanismo de compensação – o

⁵⁵ A palavra original títere pode ser traduzida como palhaço, boneco ou fantoche, tradução que achei mais apropriada, mesmo que seu sinônimo seja marioneta, em português, marionete.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 422;

⁵⁷ Lanata, *Op. Cit.*, p. 422 -423;

⁵⁸ Agostino, *Op. Cit.*, p. 185;

qual, por outra parte, tivera resultado perfeitamente legítimo – se não algo mais: a vontade de aceitar o desafio⁵⁹, de se apagar e iniciar uma conta nova, de iniciar uma nova marcha a partir de um ponto, o mais próximo e identificável, o mais acessível ao ardor e à paixão popular, o mais singelo e às vezes mais entranhável: um esporte popular. Este esporte tem a vantagem adicional de concentrar a atenção mundial, permitindo apagar de vez as falácias que se propalam sobre nosso país no exterior⁶⁰.

O editorial do *La Nación* da mesma data demonstrava claramente a posição política da publicação:

Depois deste Mundial que terminou, devemos seguir encontrando-nos e reconciliando-nos em torno dos grandes objetivos comuns à nacionalidade. Há uma vocação de grandeza desperta e um desejo⁶¹ em todas as bocas (...) isso vale muito mais que a incompreensão de alguns e a tortuosidade com a qual outros insistem em injuriar-nos no exterior. Há fé suficiente, em suma, para que a Nação persevere em sua atual direção⁶².

De certa forma costurando este com o terceiro capítulo, Gilberto Agostino constata o sucesso atingido pela ditadura militar argentina ao final da competição:

Repetia-se uma estratégia tantas vezes utilizada por outros modelos ditatoriais. E, mais uma vez, os resultados foram positivos para os donos do poder. Não por acaso, portanto, historiadores argentinos são unânimes em afirmar que a Copa de 1978 foi a mais bem sucedida operação da ditadura militar na esfera da opinião pública⁶³.

José Miguel Wisnik, com base no excelente ensaio do sociólogo argentino Juan José Sebreli, também nos dá um parecer final um tanto quanto sombrio, não fugindo muito por sinal de toda a abordagem extremamente crítica que Sebreli faz do futebol como um todo e da Argentina em especial:

É importante considerar, a título de contextualização, que o peso traumático da Copa do Mundo de 1978, realizada na Argentina, durante a ditadura militar, a mistura do delírio patriótico e repressão sinistra que se replicou depois, de outro modo, no episódio da guerra das Malvinas, contribuiu certamente para a visão sem brechas de um futebol sombrio, que se depreende do livro de Sebreli. Se há, no imaginário argentino, uma certa gangorra maníaco-depressiva entre o entusiasmo coletivo e sua

⁵⁹ Dar vuelta el guante, NT;

⁶⁰ Lanata, Op. Cit., p. 423;

⁶¹ Requisitoria, NT;

⁶² Lanata, Op. Cit., p. 423;

⁶³ Agostino, Op. Cit., p. 177;

correspondente ressaca negadora, *La era del fútbol* é a representação consumada do segundo lado⁶⁴.

Dentro de campo, foi um Mundial de pouquíssima qualidade das equipes, mesmo que essas contassem com estrelas como Kempes (Argentina), Zico (Brasil), Platini (França), dentre outros. A equipe argentina, comandada pelo técnico Cesar Luis Menotti, após início titubeante, classificou-se à segunda fase na segunda colocação do grupo A, atrás da Itália. No grupo B, a Alemanha Ocidental, campeã em 1974, se classificou também em segundo de sua chave, ficando atrás da surpreendente Polônia. O Brasil passou de fase também em segundo, porém empatado com a primeira colocada, a Áustria na pontuação, perdendo nos critérios de desempate. Para não fugir à lógica, no grupo D, os peruanos ficaram na primeira colocação, com os grandes favoritos holandeses em segundo. Tecnicamente, foi uma primeira fase de muita teoria e pouca prática, especialmente no que diz respeito à seleção brasileira.

Classificadas as oito melhores da primeira fase, foram divididas em dois grupos:

A: Itália – Alemanha Ocidental – Áustria – Holanda;

B: Argentina – Polônia – Brasil – Peru;

Nesta fase, se os confrontos não melhoraram muito, aumentou-se a dose de emoção, em razão de praticamente todos os jogos serem decisivos.

No grupo A, a Holanda classificou-se em primeiro e a Itália em segundo.

O grupo B foi marcado por polêmicas e insinuações de manipulação de jogos em favor da seleção local, a Argentina. Brasil e Argentina, na primeira rodada superaram seus adversários com facilidade. Na segunda rodada, em partida onde o Brasil foi superior, 0x0. Chegaram à última rodada praticamente nas mesmas condições, porém o fato de a partida brasileira contra os poloneses ter sido realizada antes do horário do jogo argentino, deu aos donos da casa a certeza de que precisariam de quatro gols de diferença contra os peruanos para passarem à final em primeiro do grupo. Esta partida até hoje tem diversos aspectos um tanto quanto

⁶⁴ Wisnik, Op. Cit., p. 56;

inexplicáveis. Os 6x0 da Argentina pareciam gols de mais para o desempenho de ambas as equipes. Diversas teorias existem ainda, mas nada foi provado de que os peruanos de fato teriam facilitado o jogo para os argentinos. Com base na leitura das fontes, percebo que isso pode ter ocorrido. Sugestões, principalmente oriundas da imprensa brasileira davam conta de que o torneio estava sob suspeita e que a partida dos argentinos contra os peruanos havia sido fraudulenta, de modo a favorecer a Argentina e seu governo, os organizadores do torneio. Na final, Argentina e Holanda jogaram uma grande partida. Desta vez pode-se dizer que a vitória Argentina foi justa, em virtude da superioridade na partida. Restou ao Brasil vencer a Itália e ficar com a terceira colocação do torneio. Voltou para casa com o título de “campeão moral”, atribuído pelo próprio treinador brasileiro, por todas as circunstâncias e pela campanha sem derrotas do Brasil. Tanto o jornalista Jorge Lanata quanto o sociólogo Juan José Sebreli, apontam indícios de que este favorecimento à Argentina de fato teria ocorrido. Sebreli até busca na história do país outras situações em que imperou a ilegalidade:

A sociedade argentina se caracteriza pelo costume com a ilegalidade – a maior parte de seus governos foram ilegítimos ou fraudulentos -, pela aceitação da impunidade e a celebração da picardia chamada “*viveza criolla*” como uma virtude maior que o trabalho e o talento. Na obra literária que se considera mais representativa, seus dois heróis são um cuteleiro – Martín Fierro – e o sórdido velho Vizcacha, cujos conselhos são a exaltação cínica da falta de escrúpulos. (...) Os jogos são também um espelho da sociedade, e os nossos, o truco e o futebol, admitem entre seus recursos o engano. A habilidade do truco é simular que se faz fraude, a do futebol é a ameaça, o despiste, a finta, artimanhas que estão admitidos pelas regras do jogo. Porém no futebol (...) se ultrapassam os limites e a picardia deixa de ser um simulacro para converter-se em uma fraude real. Resulta significativo que os dois momentos ápices do jogo nacional, o triunfo do Mundial de 1978 e o triunfo sobre os ingleses com “*la mano de Dios*” de Maradona, tenham sido fraudes⁶⁵

⁶⁵ Sebreli, Op. Cit., p. 204;

APITO FINAL

Tal qual a rua, o futebol é um jogo bem mais rico em termos de diversidade espacial, cultural e social do que supomos quando nos restringimos a pensá-lo a partir da perspectiva hegemônica, aquela veiculada pela mídia especializada. Além dos estádios, tidos como espaços consagrados ao futebol de espetáculo, e a dadas formas de sociabilidade e simbolismo que lhe são peculiares, existem muitos outros futebóis. Estádios, praças, parques poteiros, praias, passeios, terrenos baldios, fundos de quintal, ruas e outros tantos espaços físicos dão uma idéia da diversidade futebolística, pois a cada espaço tende à existência de configurações sociais particulares que, por seu turno, manipulam as regras do jogo conforme os seus interesses⁶⁶.

Estes “outros futebóis” a que se refere Arlei Damo, existem e estão completamente arraigados em nossa cultura e nossa identidade. Porém fazem-se necessários estudos mais aprofundados, como o do próprio autor, onde sejam explicitadas algumas práticas e razões implícitas neste futebol que tanto mobiliza as mais diversas camadas sociais não apenas no Brasil, mas também em grande parte dos países. Por essa razão, após breve relato de minha trajetória e uma tentativa de encontrar na minha infância um elo entre esta e o futebol, iniciei esta pesquisa buscando em diversas fontes das Ciências Humanas explicações sobre o surgimento e sobre a massificação deste fenômeno, o que como citei na introdução, seria uma excelente oportunidade de unir através deste trabalho duas das minhas maiores paixões, a História e o futebol.

Ronaldo Helal localiza na primeira infância aquele momento em que somos impelidos a tomar parte neste fenômeno do futebol, o que caso seja negado de nossa parte, nos deixará quase que para sempre não integrados a esta realidade que é o futebol. Para Huizinga, um dos autores mais utilizados como referência para esta obra, o jogo em si é uma atividade voluntária, logo, este jogo, estando sujeito a implicações de ordens deixa de ser jogo. Neste caso o autor fala do jogo ainda como algo lúdico e não influenciado pelas diretrizes de uma sociedade. Ainda segundo ele, o jogo lúdico imita a vida, sendo este apenas uma evasão da vida real. Este fenômeno conhecido como jogo possui registros conhecidos desde as primeiras civilizações, mas para Huizinga, somente nos últimos séculos é que este passa a ter seu espírito pervertido, quando trabalho e jogo iniciam um processo de influência

⁶⁶ Damo, 2007;

recíproca. O jogo passa a ser jogado – aqui, há como fugir de ser redundante? – com regras semelhantes às do trabalho, enquanto por outro lado o esporte passa a ser gerido por uma disputa profissional e uma competitividade em muito semelhantes às do mercado de trabalho. Para ele é neste momento que o esporte abandona o lúdico, quando esta relação jogo-trabalho se torna presente.

Para Norbert Elias e Eric Dunning, não se pode afirmar o momento exato em que a humanidade abandonou a barbárie e iniciou a vida civilizada, porém mesmo no processo anterior se percebem registros da existência de atividades semelhantes às esportivas. As regras, logicamente vieram acompanhadas ao progresso deste processo civilizatório. Somente no século XV, segundo os autores é que se percebe uma maior regulamentação no esporte, logo, pode-se afirmar que o esporte como conhecemos hoje certamente é um fenômeno recente, muito diferente das recreações lúdicas da Antiguidade. Porém, cada vez mais se podem perceber algumas semelhanças entre o esporte e a guerra. Ronaldo Helal, falando em esporte, e não em guerra, para deixar bem claro, nos fala de um equilíbrio inicial, de um conflito durante o processo da prática do jogo e de um desequilíbrio ao final, tendo um vencedor e um derrotado. Impossível não se fazer uma analogia com a guerra, portanto.

Outros autores fazem esta analogia. Huizinga diz que ambos os hábitos – guerra e esporte – são tão antigos quanto às duas palavras. Cesar Guazzelli cita exemplos onde a linguagem esportiva reproduz, segundo ele, a militar. Palavras como defensor, atacante, artilheiro, etc., logicamente têm origem nos campos de batalha, sendo apropriadas pelo esporte posteriormente. Elias e Dunning chamam o esporte de “luta simulada”, neste caso, em oposição à guerra, tendo suas tensões controladas até o final do conflito. Outro autor de obra extremamente relevante sobre o esporte, Richard Giulianotti, localiza nas escolas públicas inglesas do século XIX, o que se pode considerar o começo do jogo contemporâneo, tal qual conhecemos atualmente.

Em um segundo momento, onde o esporte, neste caso especialmente o futebol, já está completamente difundido na sociedade contemporânea, um estudo do fenômeno que Hobsbawm chama de “invenção das tradições” é de extrema relevância para que seja possível se encontrar ligações entre este processo e não

apenas do futebol, mas do esporte como um todo. Para Hobsbawm esta ligação entre esporte – nação atinge o seu ápice no período entre as duas guerras, onde esportistas, dentro de campo, como se simulassem conflitos bélicos, passam a representar seus estados e nações. As competições também têm uma mudança extremamente significativa, agora com estes eventos sendo transfigurados em ocasiões de autoafirmação nacional. Ainda segundo o autor, é muito fácil incutir nas mais variadas esferas da sociedade este sentimento nacionalista. Onze atletas podem sim representar uma nação inteira e o indivíduo, mesmo o que torce, se sente um símbolo de toda a nação. Neste sentido, Hobsbawm afirma que o esporte é um meio único em eficácia.

Como já sabemos, o que Hobsbawm chama de “tradição inventada”, utiliza a História como legitimador de suas ações. Com o futebol não sendo muito diferente neste aspecto. A difusão do futebol como esporte que representa nações se dá justamente neste período, no início do século XX, quando fronteiras, culturas e identidades ainda se encontram em processo de continua mutação e afirmação. Uniformes, hinos e bandeiras, cada vez mais, são partes relevantes do cerimonial da guerra e do esporte. Surgem os grandes estádios, o que Carla Brandalise chama de demonstração da grandeza nacional. A autora também percebe um fenômeno cada vez mais constante, o do uso político de eventos esportivos de grande envergadura pelos governos locais. Desta feita, o esportes em geral, surgidos com suas regras no decorrer do século XIX, para usufruto das elites transmuta-se, conforme nos mostra o sociólogo Argentino Juan Sebreli em trecho que destaco:

Os esportes em geral e o futebol em particular não foram criados para o povo, nem foram propagados pelo povo, nem estavam destinados ao povo. O Futebol, do mesmo modo que a cultura e a arte popular, assim como muitos hábitos e costumes populares, surgem das classes dominantes e são logo copiados e deformados – e nisso consiste sua originalidade – pelas classes subalternas. (...) Começava então uma nova etapa na história do esporte com um novo componente de classe. Na primeira etapa, desde o final do século XIX até pouco antes da profissionalização, havia sido eminentemente elitista, praticado pela classe alta e com reduzido público da mesma classe. (...) Na segunda etapa, o futebol se converteu no esporte popular por excelência; tanto seus jogadores como a maioria do público procediam da classe baixa ou média baixa. Entretanto os dirigentes dos clubes (...) seguiam pertencendo à classe alta. (...) Esta diferença entre dirigentes e dirigidos evidenciava o caráter

paternalista e classista que tinha o futebol como objetivo, consciente ou não, era o controle e a manipulação das massas populares⁶⁷.

O Comitê Olímpico Internacional (COI) e a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), surgem justamente neste período do início do século, com a intenção de organizar e realizar competições internacionais. É possível se perceber a importância do esporte através do uso destas competições de grande porte por parte dos governos Fascista – Copa do Mundo de 1934 – e Nazista – Jogos Olímpicos de 1936 – como forma de legitimação de seus regimes. Outros diversos exemplos ocorreram durante o século XX, onde a política esteve ligada umbilicalmente ao esporte como forma de divulgação de governos e ideologias das mais variadas orientações. Se nas Olimpíadas de 1980 a União Soviética mostrava ao mundo a força e a organização comunista, em evento boicotado pelos Estados Unidos, em 1984 os Estados Unidos, sem a presença dos soviéticos, logicamente, utilizavam-se do torneio para propagar ao mundo seus ideais democráticos e capitalistas. Diversos destes grandes torneios internacionais foram utilizados para essa finalidade, sendo o Mundial de Futebol de 1978, organizado pela ditadura civil-militar argentina um de seus casos mais expoentes.

Desde a derrubada de Perón por um golpe militar em 1955, a Argentina não teve sequer um governo concluso e todos estes foram marcados por imensa instabilidade política. Perón retornaria ao poder em 1973, mas ao morrer no ano seguinte, deixando o governo nas mãos de sua esposa, Isabelita, aumentou ainda mais esta instabilidade política. Cesar Guazzelli cita como motivos principais do golpe militar de 1976 o fracasso econômico do último governo e uma suposta guerra contra o “terrorismo” de esquerda e a o combate natural do mesmo. Jorge Fernández e Enrique Padrós chamam as práticas constituídas pelo governo do general Videla de “Terror de Estado”. Práticas estas um tanto quanto semelhantes às colocadas em uso pelos militares brasileiros, segundo Fernández. Padrós relata ter sido criada uma “estrutura estatal clandestina” de repressão, sendo o Terror de Estado, conforme palavras de Padrós, “justificado pelo necessário enfrentamento à agressão “subversiva” que “ameaçava” a sociedade”, conforme já referido anteriormente.

⁶⁷ Sebrelli, Op. Cit., p. 26–33;

No que diz respeito à organização do Mundial, o governo militar, acabou herdando a mesma, já que a Argentina havia sido escolhida sede pela FIFA ainda em 1973. Desde o golpe, diversos grupos e organizações internacionais, especialmente as relacionadas aos direitos humanos, iniciaram inúmeras campanhas e mobilizações no sentido de convencer à FIFA da não realização do torneio no país platino. Dois destes organismos mais destacados foram a Anistia Internacional e o C.O.B.A. (Comitê pelo Boicote da Organização da Copa do Mundo de Futebol), que tentaram de diversas maneiras, principalmente expondo informações escondidas pela ditadura argentina, convencer as equipes postulantes ao título de não compactuarem com as práticas do violento regime comandado por Videla. Esta mobilização não obteve êxito total, já que nenhuma seleção abdicou de seu direito conquistado de participar da disputa, mas durante o torneio, principalmente o C.O.B.A., manteve sua mobilização, denunciando, principalmente à imprensa internacional, o que acontecia nos “campos de concentração argentinos”. A ditadura tão logo assumiu o poder no país prontamente substituiu o comando da A.F.A. (Associação de Futebol Argentino) e nomeou um dos seus para o comando do EAM'78 (Ente Autárquico Mundial), órgão responsável pela organização da competição. De início, sob comando do general Actis, o órgão prometia uma mundial de austeridade e sem desperdício de dinheiro público. Actis foi assassinado no ano seguinte – esquerdas e militares acusam uns aos outros do crime – e em seu lugar assume o comando do órgão o general Lacoste, que não poupou esforços nem recursos na construção e reforma dos estádios do país. Posteriormente Lacoste e outros membros do governo seriam inclusive investigados por enriquecimento ilícito em razão das substanciais quantias despendidas na realização da Copa.

Sebreli afirma que praticamente toda a sociedade argentina, com algumas exceções, apoiou a realização do Mundial, bem como as decisões e realizações do governo de Videla, mobilização semelhante à ocorrida alguns anos depois quando do conflito contra os ingleses pela disputa das Ilhas Malvinas. O Autor chama este fenômeno, segundo ele visto poucas vezes na história do país, de “delírios de unanimidade”. A imprensa totalmente pró – governo, no que diz respeito aos grandes veículos, expunha ao povo e aos jornalistas internacionais as maravilhas de uma Argentina organizada e unida que buscava resgatar alguns de seus sentimentos perdidos. Ao final da competição, a vitória argentina foi amplamente

comemorada pela população local, porém colocada em dúvida por diversos órgãos da imprensa do exterior, existindo, se não provas concretas, fortes indícios, conforme informações do jornalista Jorge Lanata e do sociólogo Juan Sebrelí, de que houve, por parte do governo argentino, um acordo com os peruanos, de forma que o Brasil fosse eliminado e a Argentina chegasse à final contra a seleção holandesa, final esta vencida sem contestação pelo bom time argentino.

Gilberto Agostino alega que o que a ditadura argentina fez durante todo o período de organização e realização do certame, não diferiu muito do que outros governos e ditaduras de outros países já haviam realizado em outras ocasiões. Concordam porém, conforme Agostino, os historiadores argentinos ao dizerem que a realização e a conquista da competição, tenha sido a mais bem sucedida ação do governo, no que diz respeito à opinião pública. José Miguel Wisnik fala na “mistura do delírio patriótico e repressão sinistra”, ligando o Mundial igualmente à mobilização ocorrida posteriormente na disputa pelas Malvinas, mobilização esta de resultados totalmente distintos daqueles gerados pela Copa do Mundo, ou Mundial, como dizem os argentinos. Sebrelí, extremamente crítico em suas ponderações e análises, afirma que a Argentina teria um “costume com a ilegalidade”, algo que faz parte da sociedade do país. Diz ele que a maior parte dos governantes do país ou eram ilegítimos ou fraudulentos e que o futebol é um espelho de uma sociedade que aceita a fraude, trazendo dois exemplos fraudulentos, os dois momentos de maior destaque da história do futebol argentino: A Copa do Mundo de 1978 e o gol de Maradona marcado com a mão contra os ingleses no Mundial de 1986.

Quando Juan Sebrelí fala que o jogo seria um espelho da sociedade, não posso deixar de fazer uma analogia com o futebol brasileiro. Enquanto no Rio de Janeiro se preza pelo futebol “malandro” e pela “ginga”, no Rio Grande do Sul o modelo de futebol predileto das torcidas é aquele “sério”, sem “firulas”, onde o jogo é uma “batalha”, em que cada espaço deve ser disputado como uma trincheira. Não significa que na prática seja isso o que aconteça. Este ano mesmo vimos um Fluminense “na retranca” e um Grêmio de “toque de bola”, contrariando esta tese. Há alguns anos a seleção brasileira, de alma carioca, é treinada, na grande maioria das vezes por treinadores gaúchos, o que contraria mais uma vez esta lógica. Estes sentimentos fazem mais parte do imaginário das torcidas e da imprensa esportiva,

que se comunica com estes torcedores, do que propriamente da realidade. E sobre a torcida em especial, vale citar pela última vez um trecho da magnífica obra de Sebrelli, *La era del fútbol*, onde o mesmo explica o sentimento que envolve “*el hincha*”:

O torcedor é um indivíduo atormentado pela sua falta de identidade, pelo débil sentimento de continuidade e continuidade de seu eu, pela incompleta organização de sua personalidade. Incapaz de reconhecer-se a si mesmo, de saber quem é e nem o que quer; através de confusão e indefinição ele trata de encontrar uma relativa estabilidade identificando-se com alguma imagem do mundo que o cerca: a equipe de futebol. Chega assim a uma total falta de separação entre o objeto que eleger e seu eu: ser um mesmo significa para o torcedor ser do time X. O poder entusiasmar-se com algo, o uso de insígnias, os gritos em coro, a posse de uma característica supostamente própria, uma determinada cor, é uma compensação para aquele a quem nada pertence efetivamente, e cuja vida, tanto no plano individual, como no social, é um vazio absoluto, porque a sociedade já lhe a tirado todo o significado. As “cores” da camiseta do clube preferido adquirem uma ressonância especial, mágica⁶⁸.

Talvez este pequeno trecho explique um pouco das razões que fazem o futebol mobilizar tanta gente. Desde a época do pão e circo, os esportes, aos menos esclarecidos, servem como uma válvula de escape, como uma forma de libertação da realidade triste e sem perspectiva. Isto é fato. E ocorre na maioria dos casos. Sobre o uso do futebol pela política e o oposto, Gilberto Agostino no diz o seguinte:

Longe de ser apolítico, o futebol serviu em diferentes contextos tanto contra os poderes opressivos quanto como veículo para ações revolucionárias. Seria ingênuo enxergar nele neutralidade. Das origens modernas à globalização, pelos cinco continentes, foram pontuados alguns momentos em que o jogo serviu desde ditadores mais sanguinários, passando por políticos mais oportunistas, até ideais mais nobres em busca da liberdade⁶⁹.

Creio que este tenha sido o objetivo geral deste trabalho. Às vésperas de realizar-se no Brasil, um país cheio de deficiências das mais variadas ordens, uma Copa do Mundo, envolvendo gastos públicos muito superiores aos anteriormente estimados, mostrar que por trás do futebol e dos esportes em geral, existem inúmeras outras coisas envolvidas. Alertar que a política talvez seja a maior destas coisas. E fazer com que a grande população, aquela de fácil manipulação pela

⁶⁸ Ibidem, p. 40;

⁶⁹ Agostino, Op. Cit., p. 267;

mídia, a dita “opinião pública”, se esclareça e não permita que ocorram os crimes que ocorrem hoje, com o uso do dinheiro público. Não quero ir contra o futebol, pelo contrário. Eu mesmo, como relatei no início deste trabalho, tenho o futebol como uma de minhas maiores e significativas paixões. Também não sou tão pessimista quanto Juan Sebreli, mas é extremamente triste perceber que ele tem razão. A grande parte da população brasileira não se difere dos alienados citados pelo sociólogo argentino. Percebe-se isso claramente quando se fala da violência que é gerada por estas mentes atormentadas, que se justificam por meio do futebol para cometerem atos que deveriam estar nas páginas policiais dos jornais, e não nos cadernos de esportes como vemos hoje. Se nossa população utilizasse toda esta paixão, esta impetuosidade e este interesse para acompanhar e criticar a política e a sociedade brasileira, assim como acompanha o noticiário de seus clubes pela imprensa, talvez tivéssemos um país com menos desigualdades, com menor violência e com melhores índices relacionados à educação de nossos conterrâneos. Repito: não quero alijar nossas vidas do futebol, apenas sonho com o dia que o futebol seja um passatempo e não a vida. A vida já possui diversos elementos semelhantes ao jogo.

ANEXOS

Tabela de jogos e estatísticas – fonte: www.fifa.com

Grupo 1				
Jogo	Data	Time da casa	Resultados	Equipe Visitante
0	02 Junho	Itália	2x1	França
0	02 Junho	Argentina	2x1	Hungria
0	06 Junho	Itália	3x1	Hungria
0	06 Junho	Argentina	2x1	França
0	10 Junho	França	3x1	Hungria
0	10 Junho	Itália	1x0	Argentina

Grupo 1								
	Equipe	Jogos	Vitórias	Empates	Derrotas	Gols A Favor	Gols Sofridos	Pontos
	Itália	3	3	0	0	6	2	6
	Argentina	3	2	0	1	4	3	4
	França	3	1	0	2	5	5	2
	Hungria	3	0	0	3	3	8	0

Grupo 2				
Jogo	Data	Time da casa	Resultados	Equipe Visitante
0	01 Junho	Alemanha Ocidental	0:0	Polônia
0	02 Junho	Tunísia	3x1	México
0	06 Junho	Polônia	1x0	Tunísia
0	06 Junho	Alemanha Ocidental	6x0	México
0	10 Junho	Alemanha Ocidental	0:0	Tunísia
0	10 Junho	Polônia	3x1	México

Grupo 2								
	Equipe	Jogos	Vitórias	Empates	Derrotas	Gols A Favor	Gols Sofridos	Pontos
	Polônia	3	2	1	0	4	1	5
	Alemanha Ocidental	3	1	2	0	6	0	4
	Tunísia	3	1	1	1	3	2	3
	México	3	0	0	3	2	12	0

Grupo 3				
Jogo	Data	Time da casa	Resultados	Equipe Visitante
0	03 Junho	Suécia	1x1	Brasil
0	03 Junho	Áustria	2x1	Espanha
0	07 Junho	Áustria	1x0	Suécia
0	07 Junho	Brasil	0:0	Espanha
0	11 Junho	Brasil	1x0	Áustria
0	11 Junho	Espanha	1x0	Suécia

Grupo 3								
	Equipe	Jogos	Vitórias	Empates	Derrotas	Gols A Favor	Gols Sofridos	Pontos
	Áustria	3	2	0	1	3	2	4
	Brasil	3	1	2	0	2	1	4
	Espanha	3	1	1	1	2	2	3

Grupo 3								
Equipe	Jogos	Vitórias	Empates	Derrotas	Gols A Favor	Gols Sofridos	Pontos	
Suécia	3	0	1	2	1	3	1	

Grupo 4								
Jogo	Data	Time da casa	Resultados	Equipe Visitante				
0	03 Junho	Holanda	3x0	Irã				
0	03 Junho	Peru	3x1	Escócia				
0	07 Junho	Escócia	1x1	Irã				
0	07 Junho	Holanda	0:0	Peru				
0	11 Junho	Escócia	3x2	Holanda				
0	11 Junho	Peru	4x1	Irã				

Grupo 4								
Equipe	Jogos	Vitórias	Empates	Derrotas	Gols A Favor	Gols Sofridos	Pontos	
Peru	3	2	1	0	7	2	5	
Holanda	3	1	1	1	5	3	3	
Escócia	3	1	1	1	5	6	3	
Irã	3	0	1	2	2	8	1	

SEGUNDA FASE

Grupo A								
Jogo	Data	Time da casa	Resultados	Equipe Visitante				
0	14 Junho	Alemanha Ocidental	0:0	Itália				
0	14 Junho	Holanda	5x1	Áustria				
0	18 Junho	Itália	1x0	Áustria				
0	18 Junho	Alemanha Ocidental	2x2	Holanda				
0	21 Junho	Holanda	2x1	Itália				
0	21 Junho	Áustria	3x2	Alemanha Ocidental				

Grupo A								
Equipe	Jogos	Vitórias	Empates	Derrotas	Gols A Favor	Gols Sofridos	Pontos	
Holanda	3	2	1	0	9	4	5	
Itália	3	1	1	1	2	2	3	
Alemanha Ocidental	3	0	2	1	4	5	2	
Áustria	3	1	0	2	4	8	2	

Grupo B								
Jogo	Data	Time da casa	Resultados	Equipe Visitante				
0	14 Junho	Brasil	3x0	Peru				
0	14 Junho	Argentina	2x0	Polônia				
0	18 Junho	Polônia	1x0	Peru				
0	18 Junho	Argentina	0:0	Brasil				
0	21 Junho	Brasil	3x1	Polônia				
0	21 Junho	Argentina	6x0	Peru				

Grupo B								
---------	--	--	--	--	--	--	--	--

	Equipe	Jogos	Vitórias	Empates	Derrotas	Gols A Favor	Gols Sofridos	Pontos
	Argentina	3	2	1	0	8	0	5
	Brasil	3	2	1	0	6	1	5
	Polônia	3	1	0	2	2	5	2
	Peru	3	0	0	3	0	10	0

Disputa de 3º lugar

Jogo	Data	Time da casa	Resultados	Equipe Visitante
0	24 Junho	Brasil	2x1	Itália






Final

Jogo	Data	Time da casa	Resultados	Equipe Visitante
0	25 Junho	Argentina	3X1	Holanda

Equipes - Mais gols

Equipe	GF	MGF	PJ
 Argentina	15	2.1	7
 Holanda	15	2.1	7
 Brasil	10	1.4	7
 Alemanha Ocidental	10	1.7	6
 Itália	9	1.3	7

Equipes - Mais cartões

Equipe	CA	2CA	CV	PJ
 Holanda	8	0	1	7
 Brasil	9	0	0	7
 Peru	7	0	0	6
 Hungria	4	0	2	3
 Itália	6	0	0	7

Jogadores - Mais gols

Jogador	GF	Pen	PJ
 Mario KEMPES	6	0	7
 Teofilo CUBILLAS	5	2	6
 Rob RENSENBRINK	5	4	7
 Leopoldo LUQUE	4	0	5
 Hans KRANKL	4	1	6

Jogadores - Mais cartões

Jogador	CA	2CA	CV	PJ
 Jose VELASQUEZ	3	0	0	5
 Dick NANNINGA	1	0	1	4
 Andras TOROCSIK	1	0	1	2
 Tibor NYILASI	1	0	1	2
 Andranik ESKANDARIAN	2	0	0	2

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINO, Gilberto. Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional – Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

AMAZARRAY, Igor Chagas. Futebol: o esporte como ferramenta política, seu papel diplomático e o prestígio internacional. 2011. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BRANDALISE, Carla. Carruagens de fogo: o nacionalismo esportivo no entreguerras. In GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; BECK, José Orestes; QUINSANI, Rafael Hansen; (org) . Vida é Jogo! ensaios de história, cinema e esporte – Porto Alegre: Letra & Vida, 2011.

DAMO, Arlei Sander. Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes – Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002;

DAMO, Arlei Sander. O ethos capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud; (org). Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional – Niterói: Intertexto, 2006.

DAMO, Arlei Sander. A rua e o futebol. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLES, Fernando Jaime; SILVEIRA, Raquel da; (org). O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos – 2ª Ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion – México: Fondo de Cultura Econômica, 1992.

FERNÁNDEZ, Jorge Christian. Argentina 1976 – 1983: Extermínio organizado de uma nação. In: PADRÓS, Enrique Serra (org.). As ditaduras de segurança nacional: Brasil e Cone Sul - Porto Alegre: CORAG, 2006, p. 32–43.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GASTALDO, Édison Luis. Huizinga e o futebol. In: ROHDEN, Luiz; AZEVEDO, Marco Antonio; AZAMBUJA, Celso Cândido de; (org). Filosofia e futebol: troca de passes – Porto Alegre: Sulina, 2012.

GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud; (org). Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional – Niterói: Intertexto, 2006.

GIULIANOTTI, Richard. Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões; tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo Oliveira Nunes – São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. História contemporânea da América Latina: 1960 – 1990 – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993;

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. Humanos e (m) seus jogos: brincando de lutar pela vida. In GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; BECK, José Orestes; QUINSANI, Rafael Hansen; (org) . Vida é Jogo! ensaios de história, cinema e esporte – Porto Alegre: Letra & Vida, 2011.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; BECK, José Orestes; QUINSANI, Rafael Hansen; (org.). Vida é Jogo! ensaios de história, cinema e esporte – Porto Alegre: Letra & Vida, 2011.

HEIZER, H. Teixeira. O jogo bruto das copas do mundo – Rio de Janeiro: MAUAD, 1997.

HELAL, Ronaldo. O que é sociologia do esporte – São Paulo: Brasiliense, 1990.

HOBBSAWM, Eric J. Nações e nacionalismo desde 1780: programa mito e realidade – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBBSAWM, Eric J; RANGER, Terence; (org). A invenção das tradições – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento de cultura; tradução de João Paulo Monteiro - São Paulo, Perspectiva, 2ª. Ed, 1980.

LANATA, Jorge. Argentinos, tomo 2: siglo XX: desde Yrigoyen hasta la caída de De La Rúa – Buenos Aires: Ediciones B, 2003 (2ª Ed.).

MAGNANE, Georges. Sociologia do Esporte - São Paulo, Perspectiva, 1969.

PADRÓS, Enrique Serra. Elementos constituintes do terror de estado implementado pelas ditaduras civis-militares de segurança nacional latino-americanas. In: PADRÓS, Enrique Serra (org.). As ditaduras de segurança nacional: Brasil e Cone Sul - Porto Alegre: CORAG, 2006.

SEBRELI, Juan José. La era del fútbol – Buenos Aires: Debolsillo, 2005.

TOLEDO, Luiz Henrique. No país do futebol – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

VOSER, Rogério da Cunha; GUIMARÃES, Marcos Giovani Vieira; RIBEIRO, Everton Rodrigues. Futebol: história, técnica e treino de goleiro – EDIPUCRS, 2010.

WISNIK, José Miguel. Veneno remédio: o futebol e o Brasil – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.